



**ENTRE PARTIDAS E CHEGADAS: MIGRAÇÃO DE PARAIBANO-MA PARA  
SÃO PAULO, “CIDADE DOS SONHOS DE QUEM NUNCA MOROU LÁ”**

**BETWEEN DEPARTURES AND ARRIVALS: MIGRATION PARAIBA-MA  
FOR SAO PAULO, "CITY OF DREAMS WHO NEVER LIVED THERE"**

*Rosângela Ferreira da Rocha Sá  
Licenciada em Geografia  
Universidade Federal do Tocantins-UFT;  
Especialista em Geografia  
Araguaína-Brasil- rmvvp2020@hotmail.com*

*Eliseu Pereira de Brito  
Doutorando em Geografia pela Universidade Federal de Goiás  
Professor do Curso de Geografia  
Universidade Federal do Tocantins.  
Araguaína-Brasil- pereiradebrito@gmail.com*

**Resumo:**

Migrante, um sujeito que se encontra em vários lugares e ao mesmo tempo em nenhum. Nesse sentido, a migração é um processo dinâmico, sendo que, na maioria das vezes, os deslocamentos acontecem de forma compelida. Nesse sentido, esse artigo considerou questões teóricas e analíticas no que tange à migração brasileira e como proposta empírica foi analisada a migração de Paraibano no Maranhão para São Paulo. Contudo, fundamentou-se a veracidade desta pesquisa por meio de indagações com os migrantes filhos de Paraibano.

**Palavras-Chaves:** Migração, Migrantes, Paraibano.

## **Abstract:**

A Migrant is someone who is found in various places, but belongs nowhere. Accordingly, migration is a dynamic process, and, in most cases, migrants are compelled to leave and are thus displaced from their homes. This article considers theoretical and analytical issues regarding Brazilian migration, and more specifically the migration of Paraibano on Maranhão to Sao Paulo. This research was based on interviews with migrants who call themselves “sons of Paraibano.

**Key Words:** Migration, Migrants, Paraibano.

## **Introdução**

A decisão de migrar revela anseios que estão perpetuados à busca de condições sociais pelo sujeito migrante estimuladas e sustentadas pela falta de trabalho no local de origem. No entanto, “é preciso considerar também as ideias e valores construídas em torno da ação de migrar”, (Dias, 2006, p.24). Para isso, é necessário analisar os ensejos que levam determinados grupos ao afastamento da terra natal indo de encontro à cidade grande, deixando para trás a família, os amigos e o espaço de vivência construído a partir das relações sociais estabelecidas no meio.

O território nesse sentido representa o espaço construído e que por circunstâncias da falta de trabalho, o migrante deixa esse espaço e busca no lugar de destino a sobrevivência material. Nesse contexto apontemos a cidade de Paraibano, no Maranhão, cuja população necessita sair na busca pelo trabalho em outros locais, uma vez que, a mesma não oferece estas condições. Os paraibanenses enfrentam constantemente uma luta pela sobrevivência cotidiana. É na migração que essas pessoas têm procurado o caminho para a sua reprodução social ao longo dos anos.

No entanto, utilizando-se da metodologia da história oral, objetivamos analisar e compreender o processo migratório no qual estão inseridos homens e mulheres da cidade de Paraibano-MA. Nessa perspectiva, devemos nos atentar para as questões envolvidas nos depoimentos dos entrevistados, pois é por meio das indagações conciliada a pesquisa teórica que construiremos o texto que irá discorrer a emigração dos paraibanenses em particular para São Paulo. Nesse contexto, “a história de vida são discursos de informantes que falam de si mesmos e de processos sociais e não têm

necessariamente, preocupação cronológica, até porque o tempo do relato é o tempo da memória”, (Dermaini; Truzzi, 2005, p.54).

Os sujeitos com que indagamos foram homens e mulheres da cidade de Paraibano no Maranhão que se deslocam provisoriamente para São Paulo em busca de trabalho, visando melhores condições de vida. Para tanto, exemplificamos as migrações temporárias, estas revelam um retorno rápido do indivíduo ao seu local de origem, situação semelhante por que passa os entrevistados. “[...] Em relação às migrações temporárias, os estudos são numericamente bastante reduzidos, sem contar que, pela dificuldade em quantificar os indivíduos envolvidos, elas escapam às análises dos Censos Demográficos [...]”, (Dermatini; Truzzi, 2005, p. 60).

A escolha de São Paulo para o cenário de uma análise sobre a migração nordestina e mais especificadamente os maranhenses de Paraibano esclarece as condições que levaram essas pessoas a se deslocar do seu lugar de origem para outra localidade.

### **Entre as partidas e chegadas dos paraibanenses: uma análise do tempo de permanência dentro e fora de Paraibano**

Inicialmente, a oferta de trabalho no município de Paraibano é fator condicionante das migrações temporárias. Mas é preciso entender o que se entende por esse movimento.

Nessa circunstância, não podemos confundir migrante temporário com migração temporária, pois possuem significados distintos, o primeiro diz respeito ao migrante que “se considera a si mesmo “fora de casa”, “fora do lugar”, ausente, mesmo que em termos demográficos tenha migrado definitivamente. É aquele que se considera fora do seu lugar, fora de suas relações sociais, e que no limite não considera dentro mesmo quando esta, (Martins, 1986), ou seja, é o migrante que mesmo fazendo-se parte de um determinado grupo, ainda assim não se considera dentro dele, isto é, é exterior ao lugar e as relações sociais. Já na migração temporária, “o tempo de permanência” dos migrantes varia, pois sempre que podem, “regressam aos locais de origem por apenas

uns dias” ou meses, “em visita a família ou por ocasião de festas de final de ano”, (Dermatini; Truzzi, 2005, p.60-61).

Nessa perspectiva, conduzimos nossa pesquisa entre o tempo de permanência do migrante dentro e fora da cidade de Paraibano com respeito à saída para São Paulo condição referente à (des) territorialização e o retorno na atualidade.

No que tange às migrações temporárias, pode-se considerá-las como um processo dinâmico na medida em que representa o ir e vir, o ser e o não ser, e dialeticamente falando, pinta os espaços geográficos de forma e tempo distintos. É o partir e o ficar, assim é a vida migrante e mais especificadamente, o migrante temporário, aquele que não se encontra em nenhum lugar e ao mesmo tempo em dois lugares, o lugar de destino e o lugar de origem. Dessa forma, “partir e ficar são faces de uma mesma realidade social, que, embora dividida no espaço, acha-se unida no tempo. Tempo de partir para uns é, simultaneamente, tempo de ficar para outros”, (Dermatini; Truzzi, 2005, p. 54).

Nesse entendimento, consideramos nossos entrevistados como participantes das migrações temporárias, pois seus relatos coincidem com a definição de Dermatini e Truzzi, referente às mesmas. Mas, Haesbaert (2006), vai além quando define a migração como sendo um processo multifuncional, ou seja, processo regido por várias funções sendo uma dialética, cujo sentido se faz pelas relações sociais criadas pelos migrantes, isto é,

A migração é um processo multiterritorial, fazendo-se pela interação em rede. Mesmo que tenhamos apenas a sobrevivência de referências territoriais puramente simbólicas, e que estas se reportem não a territórios particulares (como o Estado nação ou a região de origem), mas aos múltiplos territórios ou à própria dispersão (territórios dispersos) que compõem o grande território-rede da diáspora, ainda assim devemos falar num tipo muito próprio de reterritorialização, uma territorialização múltipla, na dispersão, articulada em rede, “com ou no movimento” (inerente à diáspora) e altamente simbólica – em outras palavras, uma multiterritorialidade em sentido estrito, (Haesbaert, 2006, p. 356)

A migração em seu sentido mais amplo implica numa desterritorialização que para Haesbaert (2004), é um mito, pois o indivíduo migrante ao passo que migra para um determinado lugar, logo se re (territorializa) gerando um processo “multiterritorial”. “Não que a desterritorialização não exista, mas de que se tratam de um processo indissociavelmente ligado à sua contraface, os movimentos de (re) territorialização”. (Haesbaert, 2007, 19). Nessa perspectiva, não podemos pensar num indivíduo migrante desterritorializado, pois este está sempre em busca de seu território, seja ele simbólico ou funcional associado à vivência cotidiana, “configurando uma multiterritorialidade, ou mesmo a construção de uma territorialização no e pelo movimento”,(Haesbaert, 2004).

Contudo, a mobilidade espacial da população em sua totalidade tem contribuído na construção de territórios, onde essa gênese ocorre através da interação em rede, que por sua vez encontra-se entre o território de origem e de destino, gerando múltiplos territórios pelo qual transitam os indivíduos migrantes.

**“A primeira vez que eu fui eu passei um ano e seis meses, aí eu voltei pra cá e passei vinte dias e voltei de novo”!**

É na palavra que os sujeitos migrantes: Miguel, Maria e Emanuel expressão suas angústias, sentimentos, e também as dificuldades e os desejos não realizados nesse ir e vir da mobilidade para os lugares distantes do seu. Leonardo, casado e pai de um casal de filhos, em janeiro de 2012, período em que foi realizada esta pesquisa, encontrava-se de férias, alojado na casa de sua mãe, onde ficam seus filhos e sua esposa quando o mesmo retorna a São Paulo, cita a trama de suas idas e vindas de São Paulo a Paraíba:

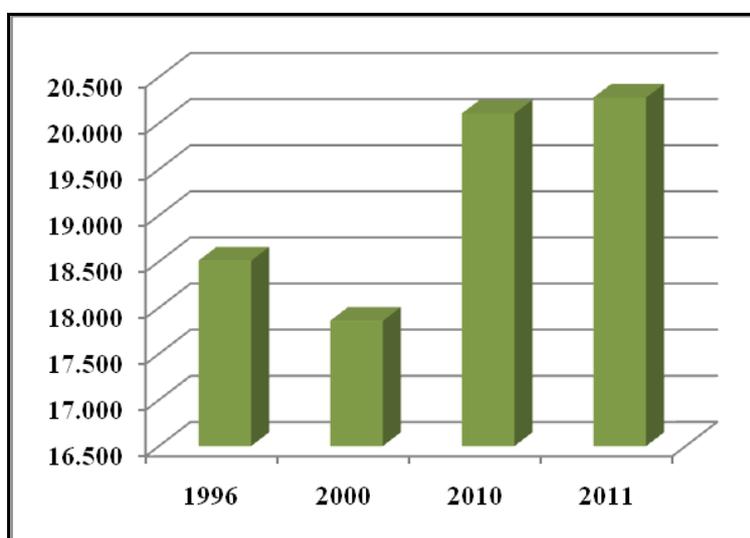
A primeira vez que eu fui eu passei um ano e seis meses, aí eu voltei pra cá e passei vinte dias e voltei de novo! Agora mesmo, eu só passei uns vinte dias, amanhã já tou voltando. Dificuldade pra mim num teve muita não porque o

serviço já tava certo, a casa também já tava garantida. Quando eu comecei a trabalhar lá, eu tava trabalhando de vendedor de porta em porta, batendo palma na porta de um e outro. Se você tiver um estudo e conseguir um emprego bom, aí é outra conversa, mais o cara que é analfabeto, maioria vai pra trabalhar de construção, vai pra passar precisão. Quando eu vivia aqui em Paraibano dava pra tirar uns 350,00 por mês, menos de um salário mínimo né? Eu ganhava esse valor e dava. Tem um, porém, eu brincava mais aqui do que lá, porque lá o cara não tem tempo pra sair, o tempo que sai é pouco, aqui não! Eu ganhava meu dinheiro e saía muito mais, trabalhava de segunda a sábado e domingo dava pra ficar com a família. Era pouco, mais dava e lá eu ganho mais que isso e quase não dá pra nada. O cara paga aluguel, água, energia, lá eu ganho estourado 1.600,00 contos, mais mesmo assim da pra passar, mais num é bom não! A vida lá não é quem nem aqui, aqui com pouco se brinca, lá não! Aqui ta perto da sua família e tudo, e lá mesmo com muito num compensa. Quando o cara chega aqui é bom demais! Tá perto da família da gente. Agora em julho eu venho embora de vez. Não fico agora porque tenho que dá baixa na carteira e vê se junto mais um pouco pra montar meu próprio negócio aqui. O ruim de a gente sair é ficar longe dos filhos, mais tem que deixar (Leonardo, 28 ANOS, 2012)

Nesse depoimento, ao revelar sua primeira partida, seu primeiro trabalho em São Paulo, Leonardo não deixa de referir-se ao trabalho anterior à migração, mesmo com o pouco, segundo o mesmo dava para se auto sustentar e ainda sustentar a família. Mas nesse sentido nos propomos a questionar o porquê da partida dessas pessoas. E assim Leonardo novamente vai deixando a esposa e os filhos, mas fica a esperança do retorno. Essas questões são respondidas pelos próprios depoentes ao longo do texto.

Nesse contexto, a dispersão não é conduzida de forma individual, ou seja, pelo próprio migrante, o mesmo necessita de indicação, que é geralmente feita por um amigo, parente ou irmão que também foi indicado anteriormente. Outra forma que favorece a dispersão são homens contratados por empresas de construção civil denominados de “gatos” esses entram em contato com homens de outros estados para preencher as vagas de emprego não só nas cidades grandes mas também no interior de São Paulo (Informações obtidas nas entrevistas com os depoentes)

Nos últimos anos, notou-se que o município de Paraibano não teve um crescimento econômico como se acreditava. Geralmente os municípios que possuem uma localização privilegiada por uma instalação de uma rodovia, é esperado um desenvolvimento expressivo tanto em número populacional quando na economia do lugar, o caso de Araguaína é um exemplo e assim muitas outras cidades brasileiras. Desde 2001, período em que foi concluído o trajeto da BR-135 que passa no centro da cidade de Paraibano, era esperado um ápice na economia local e um maior aumento populacional, mas, as expectativas da população local não foram atendidas. O gráfico abaixo mostra a evolução da população desta cidade de 1996 à 2011.



**Gráfico 01: Evolução da População de Paraibano entre os anos de 2000 e 2011**

**Fonte: IBGE, 2010**

Segundo dados do IBGE, em 1996, o município de Paraibano contava com uma população de 18.507 habitantes. Passados quatro anos, em 2000, a população diminuiu para 17.854 habitantes. Em 2010 a população aumentou para 20.103 o que representa em dez anos uma aumento de pouco mais de 2.000 pessoas, um aumento não muito significativo referente à quantidade de anos. Por isso, percebemos uma crescente mobilidade dos moradores que tem se tornado cada vez mais frequentes. Isso representa um regresso no crescimento da população e declínio no desenvolvimento da economia do local, pois o movimento da

população rumo às cidades grandes constata essa realidade no sentido de que a migração é provocada pela falta de trabalho, pois este representa maior parcela no aumento da economia de um determinado local.

Os migrantes revelam com clareza que o motivo maior da sua partida é a busca por melhores condições devida pela falta de trabalho no local de origem ou pelo ganho pouco que segundo os mesmos não dá pra sustentar a família, Graça, (27 anos, 2012), sabe bem disso:

Eu tenho que ir porque eu preciso cuidar dos meus fie né? Aqui não tem como sustentar eles, o pai nem liga, então eles só tem eu, Aqui não tem ganho e 150,00 reais dá pra quê? É o que ganha aqui trabalhado o dia todo e todos os dias até no domingo, não dá pra sustentar uma família eu só fiz até a 4ª série e não deu pra estudar porque é trabalhando direto.

Os projetos que impulsionam a migração aparecem, na maioria das indagações dos migrantes como a busca pela sobrevivência da família. Além disso, outra realidade observada nas narrativas desses migrantes ao longo do texto refere-se ao tempo de permanência desses migrantes entre o lugar de origem e o de destino: *“Quando eu venho passear em paraibano eu fico aqui uns vinte dias estourados! Aí volta de novo”*, (Leonardo, 2012).

A fim de enraizar essas reflexões, apontemos ainda outros exemplos de migrantes que se fazem presentes na dinâmica das migrações temporárias:

A primeira vez que eu fui pra são Paulo foi em 2009, passei oito meses lá, aí eu voltei, passei um ano aqui, aí fui de novo! Mas a vida lá é complicada demais, a gente vivi em alojamento, e trabalha em construção civil, o serviço lá é muito ruim e vamo levando aí! Agora tou voltando de novo pela terceira vez. Sou casado e tenho um filho e vou deixando a família. Eu acredito que assim como eu, tem muitos né? Que vai deixando a família, (Jhon Lennon, 24 ANOS, 2012).

Lá tudo é diferente e eu fui bem no tempo frio, pra trabalhar tinha que usar luvas e os dedos era tudo dolorido, São Paulo é sem graça! Nos primeiros quatro meses é dureza mais depois se você se adaptar no lugar aí você não quer mais voltar. Mas lá só é bom pra tramar, porque se todo mundo tivesse um meio de vida de um servicinho ao menos ganhando um salário mínimo, eu te garanto que quase ninguém voltava pra lá, mais num tem, o jeito que tem é voltar, de onde que vai tirar a renda? Só se for na roça e roça não dá nada!, (R.R.S, 30 ANOS, 2012 ).

Após chegar ao lugar de destino os migrantes começam a enfrentar as dificuldades no trabalho. Nesse sentido, constatamos por meio das indagações que ao se instalar em São Paulo grande parte deles são abrigados em alojamentos pagos pela empresa. Quanto ao tipo de trabalho, a maioria se dirige para a construção civil, exceto as mulheres que vão para o trabalho doméstico:

Eu fui pra São Paulo pra trabalhar lá, aí lá me separei, eu ficava na casa da minha prima. Na primeira vez passei dez meses lá, aí voltei pro meu marido de novo e vim pra cá, depois voltei de novo pra São Paulo e deixei meus filhos aqui com minha mãe. A dificuldade foi muita no começo porque fui sem emprego. Agora mesmo eu tava em Brasília, mas hoje eu tou indo pra São Paulo mais qualquer coisa se não der certo eu tou segurando o meu de Brasília, a minha área é babá, mas eu faço tudo!, (Graça, 2012).

Ao analisar as indagações com os depoentes, percebe-se que o sustento da família é condição determinante da partida, mas ao verificar as palavras de Dermatini; Truzzi (2005), pode-se concluir que associado à busca pelo sustento também está o atraente mundo consumista situação que induz milhares de pessoas a se submeterem ao trabalho árduo e à ausência da família como um todo.

No entanto, ao conjunto dos que partem, também estão os que ficam, pois estes também se sentem incluídos no projeto de migrar dos migrantes no momento em que aqueles que ficam são convidados a responsabilizar-se pelos menores que segundo os entrevistados não podem levar os filhos por causa das dificuldades da cidade grande.

### **Qual a cidade dos sonhos? São Paulo ou Paraibano?**

Na partida, o migrante leva consigo angústias e sonhos almeçados no tão sonhado lugar de destino. Os homens e as mulheres de Paraibano que se deslocam para São Paulo, idealizada pelos mesmos como sendo única forma de realizar o sonho desejado. São sujeitos em geral que não frequentaram a escola ou nem mesmo chegou a concluir o ensino fundamental. O que queremos dizer é que a falta de estudo leva milhares de pessoas a se sujeitarem a qualquer tipo de trabalho nas grandes cidades. No entanto,

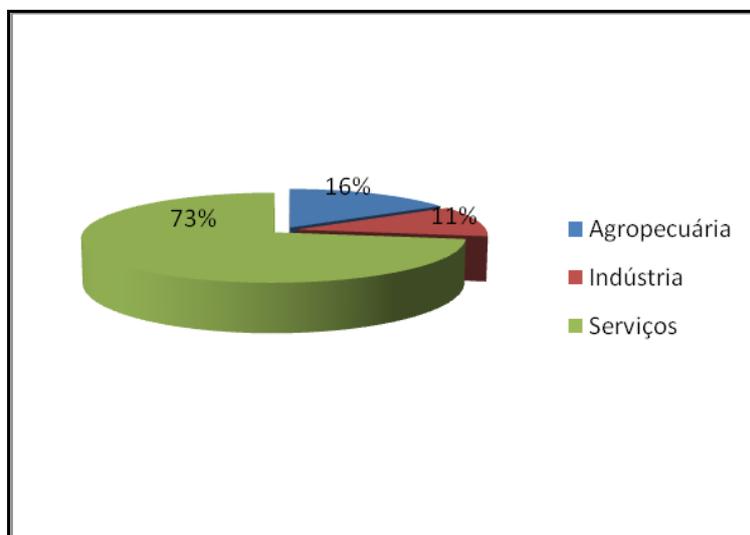
É importante assinalar, como conclui Gerd Bornheim (1995) na análise que realiza em Hegel e em Marx sobre a doutrina do desejo – que os sonhos se estruturam e processam dentro de coordenadas históricas e sociais. Significa dizer que a compreensão dos projetos dos migrantes não se reduz à instância puramente subjetiva, mas passa necessariamente pelas condições materiais e históricas que envolvem os sujeitos, (Marin; Pozobon, 2010, p.383).

Nesse caso, destacamos a migração para São Paulo, principalmente porque parte dos paraibanenses na atualidade estão deixando sua terra natal indo a procura da realização de sonhos no que segundo os entrevistados estão relacionados à sobrevivência e outras utopias que o trabalho permite almejar como à casa própria e o próprio negócio para se refazer no local de origem.

Desde década de 1996, notam-se as frequentes idas e vindas de moradores da cidade de Paraibano, sobretudo para São Paulo. Esse processo ocorre em forma de rede, ou seja, foi o primeiro, depois outro e assim sucessivamente e hoje são muitos maranhenses “filhos dessa cidade” que vivem fora dela. Uns acabam voltando definitivamente para a cidade, pois não conseguem sobreviver às imposições da cidade

grande que se reflete na falta de trabalho. Alguns se deram bem e montaram seu negócio e assim foram prosperando, enquanto outros procuram estudar e arranjar um emprego melhor. E os demais ficam no vai-e-vem da mobilidade retornando sempre que podem com um dinheirinho e quando esse dinheiro acaba eles acabam retornando para São Paulo novamente.

Sobre essas questões podemos afirmar que a fuga dos paraibnaneses para a cidade grande é resultante, principalmente, da falta de trabalho no local de origem o que vem contribuindo com o intenso fluxo migratório. O gráfico a seguir mostra em porcentagem os serviços oferecidos na cidade:



**Gráfico 02: Produto Interno Bruto (Valor Adicionado)**

**Fonte: IBGE, 2010**

Portanto, a viabilidade econômica em Paraibano, concentra-se mais nos serviços públicos e nas lavouras apresentando fortes indicadores sociais e econômicos que refletem na necessidade da população de migrar em busca de trabalho na cidade de destino. Esses serviços são poucos e emprega apenas uma pequena parcela da população o que contribui de forma significativa para os deslocamentos internos.

Nesse sentido, o tão sonhado retorno definitivo do migrante a terra de origem, torna-se inviável, pois notamos que os serviços oferecidos são escassos.

***“São Paulo é a cidade dos sonhos de quem nunca andou lá!”.***

Ao analisar os sonhos que movem os paraibanese em direção a Sampa como os entrevistados se referem a São Paulo, em geral aponta para a busca de melhores condições de vida. Mas a pergunta que guia esse texto é terra dos sonhos: São Paulo ou Paraibano? Sobre essa questão quem discorreu foi um dos nossos entrevistados:

Tem muita gente que pensa assim que São Paulo é bom! Bom de emprego, bom pra conseguir as coisas, mais lá, não é essas coisas não, o cara pensa que é, e num é nada disso. Como eu tava assistindo ontem, o cara com uma família de cinco pessoas foi pra São Paulo com a família dele, aí o cara tava passando precisão demais ó!Tava passando era fome! Foi pra lá pensando que ia dar o melhor pra família dele mais a casa dele pegou fogo, tava passando precisão, até que ele ganhou uma casa no Gugu, é por isso que eu falo muita gente pensa que São Paulo é um lugar bom é o lugar dos sonhos mesmo! São Paulo é a cidade dos sonhos de quem nunca andou lá. Pra quem tá lá a cidade dos sonhos é a nossa aqui, (Leonardo, 2012).

Todavia, a possibilidade de São Paulo (local de destino) como sendo sonho de destino e Paraibano (terra de origem) como sendo sonho de retorno, isso vai depender das condições sociais que produzem o migrante nesse ir e vir da mobilidade.

No entanto, analisando a fala do entrevistado, percebemos que a realidade segundo os mesmos é outra quando Leonardo (2012), indaga: “[...] *é por isso que eu falo! Muita gente pensa que São Paulo é um lugar bom! É o lugar dos sonhos mesmo! São Paulo é a cidade dos sonhos de quem nunca andou lá. Pra quem tá lá a cidade dos sonhos é a nossa aqui.*”

Há uma controvérsia quanto à cidade dos sonhos para os migrantes, pois entendemos que ao partir a cidade dos sonhos é São Paulo, mas logo após a chegada no local de destino em Paraibano se transforma na cidade dos sonhos de quem está longe.

Por não ter condições de sobreviver na cidade de origem, o migrante parte para São Paulo em busca de realizações de sonhos como atingir ascensão social. Não conseguindo seus objetivos e sem possibilidades de voltar para casa, no imaginário do indivíduo, a cidade dos sonhos se transforma em Paraibano, sua terra de origem.

Assim, é a vida do migrante de Paraibano, sempre que pode retorna a cidade de origem. Passam um período de quinze dias a um mês, salvo os casos de quem consegue nesse tempo uma renda na cidade o que impede o retorno a São Paulo.

Portanto, é preciso somar ações por parte do governo municipal viabilizando projetos que possam minimizar o processo migratório que ocorre na cidade de Paraibano. Pois são muitos paraibanenses tendo que se ausentar da cidade para buscar a sobrevivência em outros locais.

### **Considerações finais**

Se no passado a migração acontecia pela a busca de melhores condições de vida. Na contemporaneidade a preocupação maior é com a ascensão social e com o consumo desenfreado, determinado pelos modos de produção que atuam soberanamente na vida humana.

No Brasil, os processos migratórios sempre estiveram presentes, mas notamos que os estudos nesse sentido são complexos, pois há uma fuga dessa realidade quando buscamos entender na história do país a importância que teve a migração na formação do território.

Considerando a migração como um processo dinâmico em que os migrantes paraibanenses se fazem e refazem nesse processo, identificamos causas associadas a esses deslocamentos que são cada vez mais frequentes no município. Nestas condições, são migrantes que cruzam fronteiras em busca de sonhos impulsionados por diferentes motivações, sendo elas- econômicas, sociais, profissionais etc., porém, compartilham de aspirações indicativas de melhorares condições de vida.

O cenário político-econômico do Município de Paraibano se caracteriza pela imposição aos movimentos migratórios, não por determinação própria, mas por não

oferecer a seus moradores condições de permanecer na terra de origem como um emprego com renda que venha tornar possível a permanência dessas pessoas.

Contudo, a dinâmica do processo migratório da cidade Paraibano está cada vez mais expressiva, em que se pode identificar inúmeras causas que contribuem de forma significativo para o aumento dessa ação. Nesse sentido, é preciso desenvolver ações que possam minimizar tal fenômeno. São pontos que refletem na estrutura organizacional da cidade e na vida da sociedade paraibanense.

## Referências

DEMARTINI, Zélia de Brito Fabri; TRUZZI, Osvaldo. **Estudos Migratórios: perspectivas metodológicas**. São Carlos: Edufscar, 2005.

DIAS, Juliana Braz. Projetos migratórios e relações familiares Em cabo verde. **REMHU –Rev. Inter. Mob. Hum.** Brasília, ano XVIII, nº 23, 2006.

HAESBAERT, Rogério. **Dos múltiplos territórios à multiterritorialidade**. Porto Alegre- RS, 2004. Disponível em [WWW.uff.br/.../sites/default/.../CONFERENCE\\_Rogério\\_HAESBAERT.pdf](http://WWW.uff.br/.../sites/default/.../CONFERENCE_Rogério_HAESBAERT.pdf) Acesso em 10 de Abr. 2012

\_\_\_\_\_. **O mito da desterritorialização: do “fim dos territórios” à multiterritorialidade**. 2. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2006.

\_\_\_\_\_. Território e .multiterritorialidade: Um debate. Rio de Janeiro: UFF. **Geographia** - Ano IX - No 17 - 2007 Disponível em: [www.uff.br/geographia/ojs/index.../geographia/.../205](http://www.uff.br/geographia/ojs/index.../geographia/.../205) Acesso em 22/02/2012

IBGE **Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística**, 2010. Disponível em <http://www.ibge.gov.br/cidadesat>. Acessado em 30/04/2012

MARIN, Eliziara Carolina; POZOBON, Rejane de Oliveira. **Sonhos que cruzam fronteiras**: sentidos construídos a partir do processo migratório. Porto Alegre, ano 12, no 24, mai./ago. 2010, p. 382-409.

MARTINS, José de Souza (1986). O vôo das andorinhas: migrações temporárias no Brasil. In: MARTINS, José de Souza. **Não há terra para plantar neste verão**. Periópolis: Vozes, p.43-61.